



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO LITORAL: O CASO DA PRAIA DE IRACEMA, EM FORTALEZA-CE

CULTURAL MANIFESTATIONS ON THE COAST: THE CASE OF PRAIA DE IRACEMA, IN FORTALEZA-CE

(Recebido em 24-09-2020; Aceito em: 14-01-2021)

Jessica Mesquita Barbosa

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza, Brasil
jessicambarbosa0@gmail.com

Davis Pereira de Paula

Doutor em Ciências do Mar e do Ambiente pela Universidade do Algarve
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará –
Fortaleza, Brasil
davispp@gmail.com

Resumo

Fortaleza é uma cidade litorânea com uma cultura plural territorializada em seus 121 bairros, que direta ou indiretamente fazem uso dos espaços costeiros para o desenvolvimento de atividades de lazer, recreação e cultura. Do total de bairros, apenas 15 são categoricamente litorâneos, ou seja, têm fronteira com o mar. Desses, o bairro da Praia de Iracema, historicamente, é o espaço litorâneo que mais sofreu transformações paisagísticas e culturais nos últimos 100 anos. Hoje, a Praia de Iracema é um dos principais pontos turísticos da capital cearense e uma das áreas mais procuradas pelo fortalezense para o desenvolvimento de atividades de lazer e recreação. Trata-se de um espaço com diversidade de serviços, eventos, lazer, música e arte em geral, com manifestações culturais que ocorrem em todo o local, organizadas por diversos grupos sociais. Assim, este estudo analisa como as diferentes paisagens da praia se formam com base nas manifestações culturais que nela acontecem e como elas repercutem em Fortaleza. Mediante uma abordagem regressiva-progressiva de Henri Lefebvre, com base em fatos pretéritos e atuais, o artigo analisa como se deram e se dão seus processos de uso – desde seu uso como porto, passando pelo uso médico, veraneio e atualmente de recreação e turismo. Fundamentado nessas discussões, analisamos como a espacialização da praia influencia sua dinâmica urbana e paisagística atual, e conseqüentemente, a imagem cultural e social de Fortaleza.

Palavras-chave: Manifestações culturais; Praia de Iracema; Litoral.

Abstract

Fortaleza is a coastal city with a plural culture territorialized in its 121 neighborhoods, which directly or indirectly make use of the coastal spaces for the development of leisure activities, recreation and culture. Of the total number of neighborhoods, only 15 are categorically coastal, that is, they border the sea. Of these, the neighborhood of Praia de Iracema, historically, is the coastal area that has suffered the most landscape and cultural changes in the last 100 years. Today, Iracema Beach is one of the main tourist spots of the capital of Ceará and one of the most sought after by the people of Fortaleza for the development of leisure and recreation activities. It is a space with a diversity of services, events, leisure, music and art in general, with cultural events that occur all over the place, organized by different social groups. Thus, this study analyzes how the different landscapes of the beach are formed based on the cultural manifestations that happen there and how they impact in Fortaleza. Through a regressive-progressive approach by Henri Lefebvre, based on past and current facts, the article analyzes how its processes of use - from its use as a port, through medical use, summer vacation, and currently for recreation and tourism - have been and are taking place. Based on these discussions, it analyzes how the spatialization of the beach influences its current urban and landscape dynamics, and consequently, the cultural and social image of Fortaleza.

Keywords: Cultural Manifestations; Praia de Iracema; Coastline.

Introdução

Fortaleza, capital do Ceará, exala cultura por todos os bairros, promovendo um cenário heterogêneo de manifestações e celebrações durante todo o ano. Essa afirmação é espacialmente perceptível, desde a criação de espaços culturais espalhados pela cidade até as festas populares, em um cenário atual de diversidade de atrações e manifestações que atendem a todos os públicos. Esse amplo leque de opções culturais, segundo Gondim (2006), desenvolve-se como instrumento de um planejamento e gestão do espaço urbano que, a datar do fim do século XX, apoia-se na produção de imagens positivas das cidades por intermédio do exercício cultural e requalificação de patrimônios históricos, como forma de se desviar do declínio econômico.

Nesse contexto, podemos elencar alguns eventos em Fortaleza: no início do ano há o ciclo carnavalesco, dividido em diversos polos espalhados pela cidade que atraem um público grandioso. Esse evento já figura como um dos maiores do país (CRUZ, RODRIGUES, 2010; BORGES, 2007), o que Calixe (2019, p. 8) considera o “triumfo da liberdade temporária da ideologia, dominante, das hierarquias do sistema constituído, privilégios e regras”.

As festas juninas – barracas, comidas e quadrilhas – têm lugar cativo nas praças no mês de junho. Festivais de dança, teatro, música e exposições de arte complementam o cenário cultural rotineiro da cidade (GONDIM, 2006; MARQUES, 2015; CRUZ, 2015).

O litoral fortalezense, nesse ínterim, consagra-se como âmbito cultural da cidade por concentrar boa parte das manifestações culturais em Fortaleza, que se somam aos banhos de mar, às caminhadas, ao comércio e às várias outras atividades que dinamizam o ambiente praiado. Esses usos se dão em função principalmente do fluxo e dos equipamentos turísticos nas praias e suas

proximidades. Essa ligação entre práticas culturais, sociais e turismo se torna comum nas cidades nordestinas, conforme Coriolano (1998), com início da valorização do mar e do sol, na década de 1980 e 1990, acompanhado da concorrência pelo lucro por meio do *marketing* das praias (ARAGÃO, 2006; VIANA, 2012). Assim, quem tem mais a oferecer atrai mais visitantes.

Em Fortaleza, um bairro que merece destaque nesse panorama é a Praia de Iracema, nosso foco de estudo no presente estudo. O seu uso para recreação começou nos anos 1920, a partir do veraneio e do uso médico do mar, passando pela fase boêmia na metade do século XX (DANTAS, 2011, LINHARES, 2013; NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2016; BEZERRA, 2016; PEREIRA *et al.*, 2017). No bairro acontecem diversas celebrações sociais, na rua ou em equipamentos públicos, e pretendemos, com base nelas, discutir o papel e a relevância cultural do bairro para o restante da cidade. Diante do exposto, cabe questionarmos: como as manifestações culturais da Praia de Iracema têm consequências em sua paisagem litorânea? Qual é o significado cultural do bairro Praia de Iracema no contexto urbano de Fortaleza?

A paisagem pode ser definida como “um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30). Andreotti (2012) nos apresenta a paisagem como um discurso da memória, da história e da cultura, um modelo de valores éticos e estéticos. Para Corrêa (2011), para além da forma material, a paisagem representa a forma simbólica impregnada de valores. No mesmo sentido, Corrêa e Rosendahl (2012) afirmam que a paisagem é o resultado da ação humana sobre a natureza, um conjunto de formas funcionalmente integradas entre si. Para Sauer (2012, p. 188), “a paisagem não é simplesmente uma cena real visto por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais”.

Fundamentado nesses autores, podemos pensar em uma paisagem da Praia de Iracema em constante transformação a datar da modificação constante da natureza pela vivência e uso do espaço, onde é possível percebermos, com base nos seus elementos, os resquícios da ação humana em sua constante alteração espacial de acordo com as necessidades do mercado. Isso é mais explícito no que se refere ao turismo e ao comércio na região, e, conseqüentemente, na implementação, transformação e valorização histórica do bairro, atraindo diversos grupos sociais em busca do mesmo objetivo: a democratização do seu uso social e cultural e seu usufruto.

O presente artigo se estrutura da seguinte forma: apresentamos uma discussão histórica-evolutiva da praia, passando pelo contexto nordestino até o de Fortaleza. Depois, adentramos o contexto cultural da praia de Iracema. Ao final, apresentamos um panorama das manifestações culturais da Praia de Iracema. O mapeamento paisagístico-cultural realizado reúne dois agrupamentos

de manifestações espaciais: equipamentos de agregação e promoção cultural e festas e manifestações cívico-religiosas.

Metodologia

Utilizamos-nos da metodologia regressiva-progressiva proposta por Lefebvre (1978) para entendermos o processo de formação do bairro Praia de Iracema, com base em seu uso social e cultural, em que “baseia-se em uma análise do presente partindo do atual para o passado para o esclarecimento dos processos em curso e apontamentos para o futuro” (BARROS, 2018, p. 111). No caso, o “regressivo” se refere ao caminho do atual ao passado, enquanto o “progressivo” seria o que determina e anuncia o novo. Essa linearidade se faz constante em um movimento não necessariamente sequenciado.

Nesse cenário, usamos como fonte primária as idas a campo. Elas se deram de maneira regular, a fim de captarmos diversas configurações espaciais que se concebem constantemente na praia, pois, como afirma Serpa (2013, p. 170), “não há possibilidade de construção de uma análise crítica da paisagem contemporânea, sem analisar o espaço e o todo estrutural”. As fotografias são de grande valor para a compreensão dessas configurações.

Como fonte secundária, buscamos um resgate histórico em livros, artigos publicados em periódicos e outros trabalhos acadêmicos, para entendermos como a cultura auxilia a construção das diversas paisagens da Praia de Iracema. Esse procedimento foi associado à descrição e espacialização de equipamentos públicos e fenômenos sociais. Nesse contexto, discutiremos os conceitos de paisagem e cultura atrelados às novas práticas litorâneas na Praia de Iracema e como elas se irradiam por Fortaleza.

Discussão histórico-evolutiva da praia

O olhar para a praia: do medo à cura

O desenvolvimento de hábitos marítimos modernos está associado, sobretudo, à concepção de mar pelas sociedades. Segundo Souza (2018), o “mar punitivo” é comumente encontrado nas literaturas de viagens dos séculos XVI e XVII por meio de confissões coletivas e lamentos pedindo a misericórdia de Deus. Além disso, a morte como consequência do descumprimento de ordens da hierarquia das navegações era comum. Ademais, “na metade do século XVIII, o naufrágio torna-se, depois do tremor de terras, a mais pregnante figura da catástrofe” (CORBIN, 1989, p. 250).

Território ignorado e evitado, durante muitos séculos, associado a más experiências como o ataque de piratas, naufrágios, temporais e invasões do mar, o litoral permaneceu entregue àqueles que se dedicavam à pesca, à navegação de cabotagem ou à defesa da fronteira

marítima, até ao despertar do desejo colectivo da praia, fenómeno que se iniciou em Inglaterra e França a partir meados do século XVIII e um pouco mais tarde em Portugal, na segunda metade do século XIX (FREITAS, p. 41, 2010).

A cultura de praia como destino de lazer e recreação ou como sinónimo de desenvolvimento costeiro de atividades sociais e culturais ganhou notoriedade ao longo do século XIX com o surgimento dos primeiros balneários na Europa (CORBIN, 1989). Para Dantas (2009), o início das práticas marítimas modernas no Brasil está ligado diretamente ao contexto europeu e suas condutas terapêuticas em relação ao tratamento da tuberculose, em que casas religiosas recebiam os doentes e lhes levavam aos ambientes litorâneos

Pela sua acção local, a luz solar possui propriedades microbidas, aumenta as trocas nutritivas do organismo, tem uma acção resolutive e esclerogenea, uma acção eliminadora e analgésica. Quando fizemos o estudo da acção fisiológica da luz, notamos a sua propriedade microbicida. Não insistiremos, pois, sobre este ponto, lembrando apenas que são os raios químicos que desempenham o papel mais importante na destruição microbiana (TELES, 1919, p. 65)

Para Soares (2012), a prática de ir à praia tem como início o discurso médico da “Teoria dos Miasmas”, em que doenças eram transmitidas pela concentração de ar contaminado nos ambientes. Por isso, as cidades deveriam passar por um processo de urbanização e modernização, com áreas abertas e arejadas para que fungos e bactérias se dispersassem, e, por consequência, as doenças diminuíssem. Assim, “a praia aparece como alternativa desse cenário caótico das cidades e/ou como uma busca pela vida moderna” (SOARES, 2012, p. 61).

As praias, nas proximidades dos muros dos sobrados do Rio de Janeiro, de Salvador, de Recife, até os primeiros anos do século XIX eram lugares por onde não se podia passar, muito menos tomar banho salgado. Lugares onde se faziam despejo; onde se descarregavam os gordos barris transbordantes de excremento, o lixo e a porcaria das ruas; onde se atiravam bichos e negros mortos. O banho salgado é costume recente da fidalguia e da burguesia brasileira que, nos tempos coloniais e nos primeiros tempos da independência, deu preferência ao banho de rio (FREYRE, 2013, p. 112).

Outro fator que impulsionou a ida ao mar no Brasil foi a influência de Dom João XI, que se banhava no mar com o objetivo de curar suas mazelas. Segundo Faria (2017), foi dentro de um barril que o rei, recém-chegado de Portugal, iniciou a sua rotina marítima. Por medo dos caranguejos, era dentro do recipiente que ele tomava banho de mar para curar feridas de carrapato. Eram instruções médicas da época, com influências europeias. As idas frequentes do monarca e sua família aos bairros do Botafogo e Flamengo influenciou a alta sociedade a frequentar as praias com finalidade terapêutica, pois se acreditava que o mar era capaz de curar qualquer enfermidade, inclusive doenças mentais e paralisia (FARIA, 2017). Com início na capital do país na época, as práticas marítimas se popularizaram em outras cidades do país.

Ceará: do litoral desprezado ao lazer

Ainda que o Nordeste tenha sido ponto de partida para o início da ocupação europeia do Brasil, o Ceará carregou por muito tempo um certo desprezo por parte dos exploradores durante a época colonial. Conforme Paula (2012), Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte ofereciam clima mais ameno e abundância de madeira. A Mata Atlântica, com solos férteis para a plantação de cana-de-açúcar e boas condições de instalação de portos, foi de grande importância para a exploração da região.

No caso do Ceará, a falta de interesse se devia à costa inóspita, “com escassez de portos naturais e predominância de dunas, pouco atraentes para a agricultura, além de que, em geral, os nativos eram pouco amigáveis” (PAULA, 2012, p. 90). Por isso, o “futuro estado do Ceará foi posto à margem do processo de ocupação em trâmite em outras partes do Brasil por parte de Portugal, sobretudo.” (MOURA-FÉ, 2018, p. 20). Além da falta de adaptação humana no território, havia também a corrida comercial sobre temperos e metais, bens financeiramente importantes na época e não encontrados no futuro estado do Ceará.

O motivo principal do atraso, contudo, foi a falta de atrativos econômicos – apesar de o europeu de início limitar sua presença praticamente ao litoral. O Ceará não dispunha de ouro ou prata, seu solo não servia para o plantio em larga escala de cana-de-açúcar, não tinha especiarias e suas riquezas (âmbar, algodão nativo, pimenta malagueta, sal, pau-violeta, macacos, papagaios) não despertavam, com intensidade, a cobiça da metrópole, uma nação mercantilista, voltada essencialmente para o acúmulo de metais preciosos e lucro com a apropriação ou produção de bens demandados pelo mercado europeu. (FARIAS, 2015, p. 50).

Muito embora, Girão (1979) afirma que houveram tentativas insistentes em esmiuçar o litoral cearense, que, além dos fatores naturais já citados, ainda contava com o mar revolto pela direção das correntes marítimas, dificultando as operações náuticas: “A primeira cena do penoso drama da colonização cearense teve seu palco na região litorânea e sublitorânea, compreendida entre o mar e as serranias de Maranguape e Aratanha, e de poente a nascente, do rio Ceará ao rio Pacoti” (GIRÃO, 1979, p. 32).

Apesar da representatividade ambiental e paisagística do mar, ao contrário de outros estados litorâneos, a configuração espacial que existe hoje em dia no território cearense não surgiu baseado na exploração do litoral. Segundo Dantas (2006), o Ceará seguiu um caminho contrário ao de Pernambuco e ao da Bahia, que tinham um sistema urbano das capitais centrado num porto para exportação e importação para produtos da Europa. Enquanto isso, o surgimento das cidades do Ceará estava relacionado à produção de charque para o mercado interno.

O litoral cearense passou a se valorizar após a manutenção dos portos de Fortaleza para a exportação de algodão, na região do que hoje é a Praia de Iracema. Grande parte da produção mundial

era americana, rumo aos teares ingleses. Devido à Guerra da Secessão (1861-1865), a exportação passou a ser prejudicada, abrindo caminhos e oceanos para o algodão cearense. Segundo Muniz (2014), algodão e gado passaram a ser um binômio relevante para o desenvolvimento do estado do Ceará, sendo os principais produtores de algodão: Fortaleza, Aracati, Serra de Baturité, Uruburetama, Meruoca, Pereiro e Aratanha.

Conforme Paula *et al.* (2005), o desenvolvimento portuário de Fortaleza teve início em 1804 nas proximidades do Poço da Draga mediante a construção de “trapiches”, que seriam pequenas pontes de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. Quase cem anos depois, a Ponte Metálica (Figura 1) foi construída na Praia de Iracema entre 1902 e 1906 para melhorar as condições portuárias, sem grande sucesso.

Figura 1: Guindastes de embarque e desembarque na Ponte Metálica em 1915



Fonte: Nobre (2009).

Desde a época colonial, portugueses, holandeses e franceses elegeram a região do Mucuripe como o local com as melhores condições de abrigar embarcações, apesar de as cidades de Icapuí, Jericoacoara e Paracuru também serem consideradas como potenciais ancoradouros naturais no litoral cearense colonial (PAULA, 2012).

Esta preferência às demais regiões em favor do Mucuripe pode ser sintetizada em quatro fatores principais, sejam eles: o formato clássico de uma enseada, a sombra atribuída à presença da vegetação, a água doce abundante e a não presença de tribos indígenas no local. As conjunções desses fatores naturais e humanos fizeram com que a região do Mucuripe se tornasse um dos principais lugares de ocupação do litoral cearense (PAULA, 2012, p. 110).

Conforme Silva (2004), em 1908, o engenheiro Manoel Carneiro de Souza Bandeira chefiou uma série de pesquisas ambientais na região, sendo constatada a inviabilidade da construção do porto na Praia de Iracema. Em 1938, foi outorgada pelo governo a transferência e a construção do porto na Enseada do Mucuripe, na região nordeste de Fortaleza (Figura 2).

Figura 2: Construção do Porto do Mucuripe e o Porto do Mucuripe atualmente



Fonte: Nobre (2009); Fortaleza em Fotos (2010).

A Praia de Iracema perdeu, então, a função portuária, ao mesmo tempo em que ganhou o status de espaço de lazer em Fortaleza. O afastamento do porto e a nova configuração social incorporou a praia à realidade metropolitana, agora voltada ao uso terapêutico e de veraneio pela classe média alta na década de 1930 (Figura 3).

Figura 3: Praia de Iracema em 1908 e o Antigo Porto das Jangadas da Praia de Iracema, em 1930.



Fonte: Nobre (2015).

O uso da praia para o lazer teve influência das estações balneares do século XVIII na Europa, como as portuguesas (Cascais e Estoril), as francesas (Boulogne e Dieppe) e as espanholas (San Sebastian) (PEREIRA, DANTAS; GOMES, 2017). A influência brasileira é carioca, com início na construção da via litorânea em 1904 e a construção de um túnel ligando Botafogo a Copacabana em 1882, tomando as praias destinos para uma segunda residência (PEREIRA, DANTAS; GOMES, 2017).

Nota-se, assim, uma mudança na paisagem da dinâmica espacial: o que antes era um lugar frequentado por pescadores e portuários, passou a se ressignificar, por meio da prática do veraneio, para uso medicinal e para recreação. Anos depois, a instalação de clubes, prédios e a realização de

eventos – e já na década de 1970 e 1980, a incorporação do bairro como atrativo turístico por incentivo público – moldaram o bairro e a praia como conhecemos hoje.

O marketing da praia: novas perspectivas sobre o mar

No Brasil, o Nordeste foi por muito tempo considerado uma “região problema” devido ao histórico de secas e miséria retratado nos romances regionalistas, além da disparidade econômica em relação ao Centro-Sul industrializado do Brasil, sendo considerado um obstáculo para o desenvolvimento nacional (COSTA, 2001). Como o litoral foi pouco retratado nessas obras, criou-se, também, um cenário único de sertão. O estereótipo da região foi construído com base nessas narrativas, limitando suas potencialidades econômicas e sociais.

Essa realidade mudou a partir da segunda metade do século XX, como consequência do uso do litoral da região para a prática do turismo. Apesar do seu uso para práticas terapêuticas e portuárias desde o século XIX e início do XX, o mar passou a ocupar um lugar de destaque na economia regional e nacional fundamentado na sua divulgação em veículos publicitários nacionais (Figura 4).

Figura 4: Propaganda do Governo do Estado do Ceará na revista Caras, em dezembro de 1997.



Fonte: Propaganda em Revista (2020).

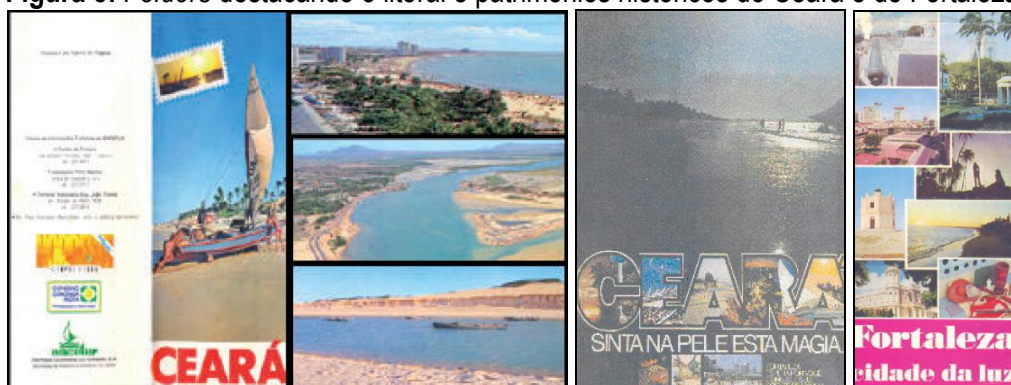
A nova imagem transmitida, segundo Aragão (2006), foi resultado de uma mudança de comportamento governamental por intervenção de um *marketing* turístico e de promoção da imagem, a exemplo do Ceará, baseado no discurso de resignificação e transformação da imagem do estado de árido em paraíso. Nesse mesmo contexto, a efetivação da maritimidade para a feitura de Fortaleza, conforme Castro *et al.* (2017), se deu pela influência do governo no planejamento da ideia de Cidade

do Sol, incluindo a melhoria da malha viária e hoteleira da capital, também impulsionada pela criação da Empresa Cearense de Turismo S.A (EMCETUR), em 1979.

Apoiado nos anúncios publicitários (Figura 5), o turismo passou a ser impulsionado por iniciativas governamentais como os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo Nordeste (PRODETUR I e II) na década de 1990, colocando o turismo no mesmo patamar das indústrias e comércio como alavancador do PIB local e nacional (BARBOSA; COROLIANO, 2016).

O Nordeste ingressou nesse contexto como região estratégica desenvolvimentista, com foco na urbanização das áreas, sobretudo no litoral: a ordenação da ocupação da orla marítima, preservando-se o patrimônio histórico e valorizando-se a beleza paisagística, com vista ao desenvolvimento do turismo interno e internacional (BRASIL, 1974, p. 89). Em nível local, “a vontade de inserir o Ceará na rede turística internacional suscita alterações importantes na paisagem litorânea” (DANTAS, 2009, p. 40). Nesse cenário, Fortaleza se tornou a porta de entrada de turistas no estado apoiada na internacionalização do aeroporto em 1988, concretizando-se como polo centralizador de investimentos públicos e privados de turismo no estado do Ceará.

Figura 5: Folders destacando o litoral e patrimônios históricos do Ceará e de Fortaleza.



Fonte: Aragão (2006).

Por ser frequentado pela boemia, ter forte apelo histórico e contar com restaurantes e outros estabelecimentos de cunho cultural, o bairro Praia de Iracema despertou os olhares do poder público, que o “oficializou” como espaço da cidade para o lazer e o turismo (BEZERRA, 2016), tornando-se alvo frequente de obras urbanas, como a construção do calçadão em 1991.

“Com a construção do calçadão, outras formas de usos e apropriações foram surgindo no bairro. O espaço de arquitetura vernácula, constituído por construções antigas, algumas em ruínas, sem iluminação pública ou pavimentação e banhado pelas águas da praia, transformou-se em um território de lazer urbanizado, tornando-se, também, um lugar com grande potencial para investimentos privados relacionados ao lazer e ao turismo” (BEZERRA, 2016, p.42).

Diante dessas grandes reformulações, a Praia de Iracema se tornou um dos mais significativos pontos turísticos de Fortaleza, tendo a sua rede hoteleira grande contribuição para esse destaque. O bairro é sede de inúmeros eventos culturais, um dos seus diversos atrativos, tanto para turistas quanto para os moradores da cidade.

A cultura da praia: festas, ritmos e crenças em “Iracema”

A capital cearense carrega em sua história uma tradição na construção e perpetuação de uma cultura local e a reprodução de culturas externas. Além do costume da população em geral em participar, ela também desenvolve essas manifestações. Notamos também um esforço do poder público – por parte da Prefeitura de Fortaleza e do Governo do Estado – em assegurar espaços onde os artistas da cidade possam desenvolver seus projetos e apresentá-los ao público, além de editais e incentivos financeiros a apresentações. Isso fica claro ao verificarmos os investimentos no setor, em que a Prefeitura Municipal de Fortaleza destinou R\$ 56 milhões para a cultura em 2019 (TRÉZ, 2019) e o Governo do Estado do Ceará injetou cerca de R\$ 107,7 milhões no ano de 2018 (CEARÁ, 2019).

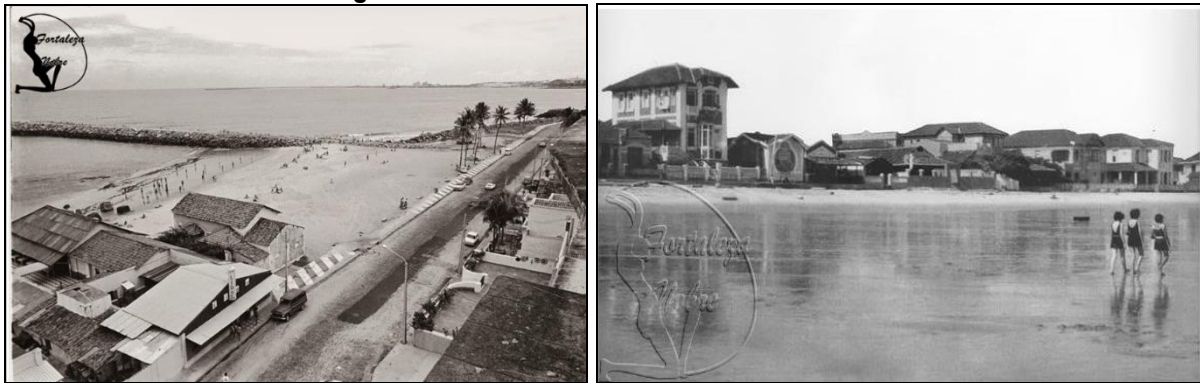
A cultura discutida na pesquisa diz respeito as manifestações sociais e os equipamentos de cunho cultural que se encontram na Praia de Iracema e como elas repercutem em Fortaleza. Essa irradiação se concretiza por conta do grande número de pessoas que participam dos eventos e frequentam os locais, atraídos pela versatilidade de atrações que o bairro oferece. Desse modo, o termo “culturas do litoral” é utilizado aqui de forma a relacionar as práticas culturais vivenciadas no bairro ao mar, pois é a partir do mar que as pessoas passam a frequentar a região e, posteriormente, se sentem cómodas a promover tais expressões e experiências.

Nesse cenário, o bairro Praia de Iracema tem grande representação. Sua toponímia é uma alusão idealizada no romance de José de Alencar publicado em 1865, fazendo parte da trilogia indianista do autor, composta também de *O Guarani* (1857) e *Ubirajara* (1864). A referida obra conta a história do “romance” entre a índia Iracema e um conquistador português, Martim Soares Moreno, no século XVI. Retratada em um Ceará de natureza abundante e exótica, dessa relação nasceu um filho, mesmo evento que culminou na morte de Iracema. Fortaleza, então, fundou-se no mesmo local onde Iracema fora enterrada, ao lado do seu coqueiro preferido.

O bairro, antes ocupado por pescadores, serviu como porto no início do século XVII e se configura urbanamente a datar da apropriação do espaço pela elite de Fortaleza no início do século XX. Já foi conhecida por Praia do Peixe, Praia Formosa, Porto das Jangadas, Grauçá e Praia dos Amores (BEZERRA, 2016). Hoje, ostenta a arquitetura de casarões antigos preservados e apropriados pela iniciativa privada através de lojas, boates e restaurantes.

Segundo Bezerra (2016), a Praia de Iracema passou por três fases históricas: a primeira seria o nascimento oficial e simbólico na antiga Praia do Peixe na década de 1920 (Figura 6) consolidando-se como espaço de veraneio e balnear. Essa fase cessou com o avanço do mar nos anos 1950 e a consequente destruição das residências da costa.

Figura 6: Praia de Iracema na década de 1920



Fonte: Nobre (2015).

A segunda fase se mantém entre a década de 1950 e 1990, quando o local passou a ser frequentado por boêmios e intelectuais, apesar da constante erosão (Figura 7). No fim dessa fase, o poder público se apropriou do bairro, requalificando-o nos anos 1990, passando a ser disputado pelos moradores, turistas e comerciantes. Já a terceira e última fase se concentra no fim dos anos 1990, a contar da falta de manutenção e segurança do local, passando a ser conhecido como local de prostituição.

Figura 7: A erosão causada pelo mar na década de 1950 e a reunião do grupo Massa Feira Livre, formado por cantores locais, em 1978, no Estoril.

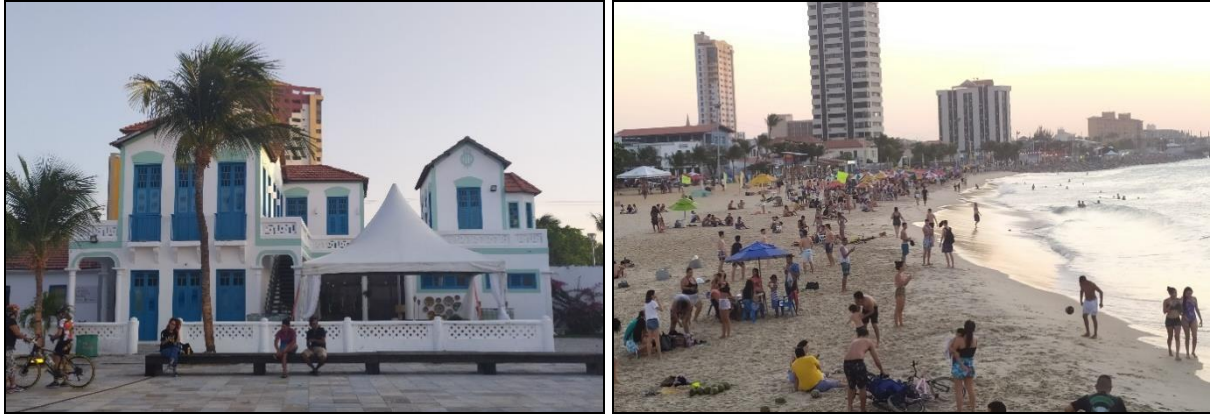


Fonte: Nobre (2019).

Já nos anos 2000, após manifestações dos moradores da cidade, iniciou-se uma nova fase de requalificação, com a reforma do calçadão e com projetos como a construção do Aquário do Ceará, que no ano de 2021 se reduz a ruínas de uma obra abandonada. Hoje em dia, conta com diversos

elementos culturais que o transformam em um ponto de efervescência cultural e central de Fortaleza. Devido à relevância histórica e cultural do bairro, desde 2017 ela abriga a Secretaria Municipal de Turismo de Fortaleza (Setfor) no Estoril (Figura 8).

Figura 08: Praia de Iracema em 2020



Fonte: Os autores (2020).

O bairro conta com uma população de 3.130 pessoas em uma área de 0,51 km², contando com o IDH de 0,72, sendo ele o terceiro menos populoso (IBGE, 2010) e um dos menores da cidade. Considerado um bairro nobre, ocupa a posição de nono lugar em distribuição de renda, sendo que apenas 0,64% dos moradores vivem em extrema pobreza.

O mais conhecido é o réveillon, que atrai até 1,5 milhão de pessoas, sendo esses moradores da cidade e turistas. É na orla da praia onde acontece também a parada do Orgulho LGBT, a Caminhada com Maria e a Festa de Iemanjá. As duas últimas ocorrem no mesmo dia, mostrando dessa forma que manifestações religiosas diferentes conseguem conviver no mesmo território, contemplando a multiculturalidade da cidade. Em 2014, foi palco da *fanfest*, evento que reunia torcedores para assistir aos jogos da copa do mundo daquele ano (BARBOSA; ROCHA, 2019, p. 3).

Devido a toda essa efervescência cultural, Fortaleza recebeu, em outubro de 2019, o prêmio da UNESCO de *Cidade Criativa* na categoria “Design” devido às diretrizes do *Plano Fortaleza 2040*, com ênfase na inovação, inteligência e empreendedorismo (DUARTE, 2020). A Praia de Iracema e o Centro são considerados um *Distrito Criativo*, “requalificando e restaurando uma série de edificações históricas que servirão de abrigo para as mais variadas manifestações ligadas às artes aplicadas e à economia criativa” (DUARTE, 2020, p. 29).

Com a instituição do distrito criativo, espera-se a criação de empregos convencionais e não convencionais, utilizando os chamados *capital intelectual* e *capital criativo*. O primeiro pode ser definido como “capital que reside na cabeça das pessoas, proveniente do trabalho e criação do intelecto” (REZENDE, 2002, p. 123). Para Oliveira *et al.* (2013), a economia criativa acontece ao passo que ocorre o desenvolvimento econômico sustentável e cultural, promovendo a inclusão social, a

diversidade cultural e o desenvolvimento humano a partir da identidade própria com projeção para o mundo.

A instituição do bairro Praia de Iracema em distrito criativo visa, além de reformar antigos prédios e transformá-los em espaços culturais para moradores e visitantes, fomentar a arte e a criatividade local, além de projetá-la a longos alcances. A ideia é que seja palco para manifestações promovidas por artistas dos diversos bairros da cidade, aproveitando a irradiação midiática do bairro, como por exemplo, o Festival Além da Rua, promovido em 2019 (Figura 9).

Figura 09: Festival Além da Rua, em 2019



Fonte: Os autores (2019).

Assim, empresas ligadas ao ramo tendem a se fixar na região, principalmente as conhecidas como *startups* – empresas novas que buscam promover ideias inovadoras no mercado –, chegando-se à criação de um *cluster*, que seria a concentração de empresas de um mesmo setor em uma mesma área (DUARTE, 2020).

Nesse caminho, faz-se pertinente a apresentação de alguns dos equipamentos e manifestações culturais, que compõem e constroem a paisagem do bairro, e conseqüentemente moldam o litoral fortalezense. Importa atentarmos para o fato de que alguns deles não estão localizados nas limitações territoriais do bairro em si, mas nas suas proximidades. Mesmo assim, são abrangidos pela influência do bairro, como é possível visualizar no mapa (Figura 10).

Figura 10: Mapa de localização dos pontos culturais e históricos da Praia de Iracema



Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Equipamentos culturais na Praia de Iracema

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) e Caixa Cultural

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi inaugurado em abril de 1999 na antiga área portuária de Fortaleza com o propósito de oferecer à população um espaço de difusão cultural e fomento à arte. Sua toponímia é originada do apelido pelo qual ficou conhecido o jangadeiro cearense Chico da Matilde, também conhecido como Dragão do Mar, importante figura na luta abolicionista no Brasil. Podemos considerar sua construção de grande impacto paisagístico e simbólico para cidade, por trazer uma construção moderna com ares de inovações culturais em uma tentativa de incluir Fortaleza no contexto urbano globalizado.

Sua construção foi pensada em um contexto de produção da cidade por intermédio da construção de grandes projetos urbanísticos e preservação do patrimônio arquitetônico, comum em cidades europeias e norte-americanas, a fim de evitar uma decadência econômica através do consumo do lazer e da cultura (GONDIM, 2006). Nesse contexto, o espaço surgiu em um momento conhecido como “Governo de Mudanças”, em que empresários do Ceará, como Tasso Jereissati e Ciro Gomes, entre as décadas de 1970 e 1980, com base nas transformações socioeconômicas e espaciais, propuseram a inserção do Ceará à dinâmica vinculada à reestruturação econômica nacional e mundial (SMITH, 2006).

O Dragão do Mar (Figura 11) se tornou um dos principais pontos turísticos e de lazer da cidade, além de ser uma importância referência arquitetônica. Hoje faz parte da paisagem local e do imaginário dos fortalezenses, enriquecendo ainda mais o arcabouço cultural da Praia de Iracema e do Centro. O complexo tem como ponto mais famoso o Planetário Rubens de Azevedo, que recebe alunos

de diversas escolas públicas e privadas de Fortaleza e região metropolitana para aulas de campo, além de outros visitantes.

Figura 11: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fonte: Os autores (2017).

Muitos prédios ao redor do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foram restaurados e ocupados para novos usos, trazendo novos ares urbanos para a região. “Desse ponto de vista, a concepção do Centro Cultural como catalisador de mudanças teve êxito, evitando a destruição do único conjunto arquitetônico remanescente do passado” (GONDIM, 2020, p. 63). Um desses prédios é a Caixa Cultural, que se localiza em frente ao CDMAC.

O prédio que hoje a abriga, até o fim do século XX, era chamado de Antiga Alfândega, integrante do antigo sistema portuário de Fortaleza e componente do centro histórico da cidade. O prédio perdeu sua função de alfândega devido à transferência das funções portuárias para a enseada do Mucuripe, na década de 1930, servindo de sede da Secretaria da Fazenda na época (OPOVO, 2020).

Exemplo excepcional da arquitetura fortalezense no período da virada do século, o edifício caracteriza-se pelos materiais resistentes e grandes aberturas, dotando o edifício de feições plásticas condizentes com o seu programa original. Como resultado de sua singularidade e sua importância na ocupação e consolidação daquela parte da cidade, o edifício da Antiga Alfândega estabeleceu-se como um documento de um período da história urbana de Fortaleza, fortemente ligado à memória e à identidade cultural da cidade, firmando-se, portanto, como um bem de valor patrimonial (ALMEIDA; QUEIROZ; GOES, 2018, p. 6).

O imóvel foi adquirido na década de 1980 pela Caixa Econômica e passou a funcionar como um espaço cultural da cidade em 2012 (Figura 12), composto do “cine-teatro com 181 lugares, três amplas galerias de arte, sala de ensaios, salas para oficinas de arte-educação, foyer, café cultural e livreria” (CAIXA, 2020). Todos os meses é lançada a programação mensal, que conta com oficinas de desenho, contação de histórias, cursos de teatro e oficinas de fotografia.

Figura 12: Caixa Cultural



Fonte: Caixa (2020).

Centro Cultural Belchior e Porto Iracema das Artes

O Porto Iracema das Artes (Figura 13) foi inaugurado no dia 29 de agosto de 2013. É administrado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará em parceria com o Instituto Dragão do Mar (IDM). É voltado para cursos nas esferas de formação em arte, divididos em cursos básicos (Artes Cênicas, Artes Visuais e Multimídia, e Audiovisual e Música); cursos técnicos com o objetivo de qualificar o aluno ao mercado de trabalho; laboratórios de criação, em Audiovisual para TV/Cinema, Artes Visuais, Música, Dança e Pesquisa Teatral; e o Porto do Conhecimento, onde artistas de diversas áreas se encontram para partilhar experiências (NASCIMENTO; CÂNDIDO, 2017).

Seguindo a mesma lógica de valorização das artes, inaugurado em 18 de maio de 2017 sob a administração da Secretaria da Cultura de Fortaleza (Secultfor), o Centro Cultural Belchior (Figura 13) tem como proposta a difusão e realização de projetos no campo da música. Além disso, conta com uma exposição permanente sobre o cantor Belchior, que batiza o local. “O Centro Cultural Belchior tem auditório, duas galerias para exposição, salas multiuso e espaços para leitura. Cada lugar leva o nome de uma canção de Belchior” (OPOVO, 2017).

Figura 13: Centro Cultural Belchior e o Porto Iracema das Artes



Fonte: Os autores (2020).

Festas, ritos e manifestações cívicas na Praia de Iracema

Festas, manifestações políticas e encontros estão constantemente presentes no calendário do bairro. Algumas acontecem nos mesmos dias e locais, abrangendo diversos grupos sociais. No mapa (Figura 14), podemos visualizar como alguns dos eventos mais representativos se especializam. É possível percebermos que todo o bairro é aproveitado, sendo o mais representativo o Ciclo Carnavalesco, que se apropria de várias ruas.

Figura 14: Manifestações culturais na Praia de Iracema, Fortaleza (CE).



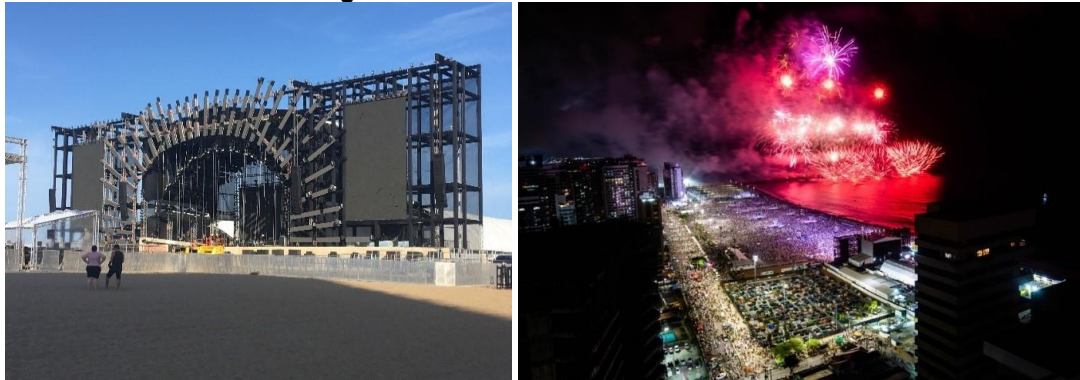
Fonte: Os autores (2020).

Réveillon de Fortaleza

O réveillon da Praia de Iracema (Figura 12) faz parte do calendário de eventos da cidade e figura como o segundo maior do Brasil, antecedido apenas pelo réveillon do Rio de Janeiro. Apesar do forte apelo cultural da festa, é perceptível que se trata de uma celebração comercial de vivência

próxima ao mar, seja com os pés na areia, seja contemplando os fogos da sacada do hotel. Isso exemplifica a lógica do capital apropriando-se da praia como espaço de lucro por entre uma paisagem antropizada (KIYOTANI, 2014). Um aparato infra estrutural é montado para receber os frequentadores, como o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e palco para shows (Figura 15).

Figura 15: Réveillon de Fortaleza 2020



Fonte: Acervo dos autores (2019); G1 (2020).

A festa passou a ser organizada e instituída pela prefeitura de Fortaleza, em 2005, intitulado *Réveillon da Paz*, com o objetivo de proporcionar aos moradores da cidade um ambiente onde a cultura local possa ser apreciada, além de atrair turistas na época de férias e gerar emprego tanto para ambulantes quanto para outros setores da sociedade.

Essa estratégia foi importante para a geração de renda e emprego na cadeia de cultura e turismo, visto que o *Réveillon da Paz* se tornou referência não só para o Ceará, como também para o Nordeste e o Brasil. Deste modo, podemos afirmar que cidadania, economia e desenvolvimento constituem aspectos importantes da cultura de um povo. Ampliar a participação e desenvolver uma cultura sustentável são um dos grandes desafios para gestores, produtores e artistas na contemporaneidade (LINS, 2016, p. 251).

Segundo o Observatório do Turismo de Fortaleza, o *réveillon* injetou na economia local, em 2020, R\$ 1,8 bilhão, sendo R\$ 2.735,00 o gasto médio de cada turista. Segundo a pesquisa, 93,3% dos turistas entrevistados são brasileiros, sendo o Sudeste a principal região emissora, com 34,23% do total, em segundo o Nordeste (31,55%) e em terceiro o Norte (14,15%).

Ciclo Carnavalesco de Fortaleza e a Parada do Orgulho LGBT

Segundo Cruz e Rodrigues (2010), foi na Praia de Iracema que ocorreram os primeiros blocos de carnaval da cidade. Em 1981 surgiu o bloco *Periquito da Madame*, três sábados antes do carnaval, com o intuito de incluir no carnaval da cidade os fortalezenses que, na década de 1970, costumavam ir durante o feriado para as praias do litoral leste, como Aracati.

Ainda segundo Cruz e Rodrigues (2010), outro bloco surgiu na Praia de Iracema, em 1983, intitulado *Que merda é essa?*. Ele dividia espaço com o bloco *Periquito da Madame* também aos sábados nas ruas do bairro. Na década seguinte surgiram outros blocos como *O cheiro*, *Ispaia Brasa*, *Girassol* e *Num ispaia senão enche*. A partir do bairro, a cultura de brincar carnaval em Fortaleza se consolidou e se espalhou para outros bairros da cidade.

Hoje em dia, o ciclo carnavalesco (Figura 16) faz parte do calendário oficial de eventos da cidade e é tido como um dos eventos mais rentáveis do ano, assim como o *réveillon*. Segundo a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Ceará (Fecomércio), houve uma movimentação de R\$ 1 bilhão e o surgimento de 13,3 mil empregos temporários em 2020. No mesmo ano, a rede hoteleira da cidade atingiu 100% de ocupação durante o carnaval, sendo o gasto de cada turista em média R\$ 2.588,95 durante o período (FORTALEZA, 2020).

Já no mês de junho, é celebrado em Fortaleza o mês do Orgulho e da Consciência LGBT, promovido pela Prefeitura de Fortaleza mediante a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, de modo a dar visibilidade à população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), bem como a políticas de proteção e combate à homofobia. O ápice da programação é a Parada do Orgulho LGBT (Figura 16), que em 2019 ocorreu no dia 30 de junho e concentrou de 800 mil a 1 milhão de pessoas (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019), afirmando a cidade no circuito LGBT nacional.

Figura 16: Desfile dos blocos de carnaval na Praia de Iracema e Parada do Orgulho LGBT



Fonte: G1 (2020); Diário do Nordeste (2019).

Festa de Iemanjá

A festa de Iemanjá é comemorada entre os dias 14 e 15 de agosto na Praia de Iracema (Figura 17). O cortejo começa no bairro Jardim Guanabara e termina na praia, totalizando um percurso de 12 quilômetros, e é organizada pela Associação Cultural Afro Brasileira Pai Luiz de Aruanda com apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza (SECULTIFOR), sendo desde 2018 decretado Patrimônio Imaterial de Fortaleza.

Figura 17: Festa de Iemanjá na Praia de Iracema



Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2017).

O Plano Municipal de Cultura, instituído pela Lei n.º 9989 de 28 de dezembro de 2012, atribui à Prefeitura de Fortaleza ações de preservação e valorização da cultura local. Propõe o “reconhecimento, proteção e valorização do patrimônio cultural do município na sua diversidade de memórias e identidades” (cap. I, art. 1, inciso XI) e “estimular a prática social de preservação, proteção e sensibilização patrimonial de diferentes seguimentos oficiais, considerando os aspectos legais, as referências culturais, a difusão e valorização do patrimônio cultural” (cap. 1, art. 3, inciso VI).

Nesse sentido, a celebração passa a ser institucionalizada e entra no calendário oficial de eventos da cidade. Assim, a Praia de Iracema se constitui como um dos espaços de ritos religiosos de Fortaleza.

Considerações por uma Iracema cultural

A Praia de Iracema é um reflexo do processo de transformação urbana e social que Fortaleza já vivenciou. A capital do estado, que assumiu seu papel de exportadora no século XIX, passou a se tornar centro econômico do estado no século XX, justamente pelo papel que a Praia de Iracema assume no cenário urbano. O seu uso para a recreação também mostra novas formas de se comportar socialmente na cidade. Já no fim do século XX, o turismo tem dado novos contornos à cidade e ao estado do Ceará, abrangendo o espaço da praia para novos públicos e novas práticas, além de ser um dos principais meios de lucro para a economia local.

A Praia de Iracema, além de ser um espaço para a reprodução do capital, também tem um papel fundamental na disseminação da cultura fortalezense por todo o seu arcabouço histórico e sua centralidade urbana. A proximidade do mar e a facilidade de acesso ao bairro o tornam um ponto de atração social e cultural, ao mesmo tempo em que atrai frequentadores que buscam usufruir dos serviços que o bairro proporciona. Nesse contexto, percebemos o papel estratégico das festas, centros

culturais, encontros e manifestações diversas que nelas ocorrem e dinamizam a paisagem da Praia de Iracema, visto que essa paisagem é constituída pela vivência, pelo uso, pelo encontro e pelas experiências pessoais que se estabelecem através das manifestações da cultura no espaço.

Nesse seguimento, a paisagem formada na Praia de Iracema em Fortaleza (CE), como vimos, é um exemplo cabal para ilustrar como a articulação entre o público e privado pode atuar positivamente na organização dos espaços citadinos, visto que os equipamentos são mantidos pela iniciativa pública e mesmo aqueles que são privados têm seu uso público. Nesse sentido, a paisagem plural, de efervescência cultural e com polo de atração dos mais diversos estratos sociais compõem uma forma de definir esse trecho da cidade.

Referências

- ALMEIDA, Isabelle de Lima; QUEIROZ, Karina da Silva; GOES, Gersica Vasconcelos *Uma análise do restauro à luz das teorias contemporâneas: a conversão do edifício da antiga alfândega em caixa cultural fortaleza*. Revista projetar - projeto e percepção do ambiente, Fortaleza, v. 3, p. 51-65, 2018. Disponível em: (<http://twixar.me/MVWm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- ANDREOTTI, Giuliana. *O SENSO ÉTICO E ESTÉTICO DA PAISAGEM*. Raega - O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba. v. 24, p. 5-17, 2012. Disponível em: (<http://twixar.me/xVWm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- BARBOSA, Jessica Mesquita; ROCHA, Marcos da Silva. *Maritimidade em Fortaleza: Uma Proposta Didática-Ambiental sobre Praia de Iracema, em Fortaleza-Ce*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 6. 2019. Fortaleza. *Anais VI CONEDU*. Campina Grande: Editora Realize, 2019. Disponível em: (<http://twixar.me/6VWm>), data de acesso em: 24 de agosto de 2020.
- BARBOSA, Luciana Marciel; CORIOLANO, Luzia Neide. *Políticas territoriais de turismo no nordeste: o prodetur como estratégia socioeconômica*. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, p. 255-277, July 2015. Disponível em: (<http://twixar.me/d7Wm>), data de acesso: 07 ago. 2020.
- BARROS, Samarane Fonseca de Souza. *O método regressivo-progressivo como possibilidade para os estudos das cidades médias*. Revista Cerrados, Montes Claros, v. 16, p. 110-125. Disponível em: (<http://twixar.me/MVhm>), data de acesso: 12 de novembro de 2020.
- BEZERRA, Roselane Gomes. *Praia de Iracema*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2016, p. 29-54.
- BRASIL. *II Plano Nacional de Desenvolvimento*. Brasília: Imprensa Oficial. 1974.
- BORGES, Vanda Lúcia de Souza. *Carnaval de Fortaleza: tradições e mutações*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), p. 297. 2007. Disponível em: (<http://twixar.me/qJhm>), data de acesso: 12 de setembro de 2020.
- CAIXA. *Informações Gerais*. Caixa Cultura. 2020. Disponível em: (<http://twixar.me/8PxT>), data de acesso: 02 abril de 2020.
- CASTRO, Tiago da Silva; SILVA, Nayrisson de Jesus Prado; LIMA, Fátima Aurilane de Aguiar; COLEHO, Francisco Alexandre. *Fortaleza/CE, cidade sede da alegria: produção do espaço urbano, city marketing e segregação na zona costeira da quinta maior metrópole brasileira*. Caderno de Geografia. Belo Horizonte. v. 27, 2017, p. 706-727. Disponível em: (<http://twixar.me/MJhm>), data de acesso: 12 de setembro de 2020.
- CAXILE, Carlos Rafael Vieira. *Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza*. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 1, 2019, p. 1-18. Disponível em: (<http://twixar.me/HJhm>), data de acesso em: 12 de setembro de 2020.

- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 11-30.
- CORIOLOANO, Luzia Neide Menêzes Teixeira. O turismo litorâneo cearense: do local ao global. As comunidades de Flecheiras e Guajiru – Trairi – Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *DENIS COSGROVE – A PAISAGEM E AS IMAGENS*. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, 2011, p. 7-21. Disponível em: (<http://twixar.me/nyhm>), data de acesso: 11 de setembro de 2020.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural, apresentando uma antologia*. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 7-14.
- COSGROVE, Denis. *A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Paisagem, Tempo e Cultura*, Rio de Janeiro: EdUERJ, Rio de Janeiro, 1988, cap. 3, p. 92-123.
- COSTA, Liduina Farias Almeida. *Revisitando a Questão Nordeste: representações de uma região problema*. Políticas Públicas e Sociedade, Fortaleza, v. 01, 2001, p. 83-97. Disponível em: (<http://twixar.me/NVWm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- CRUZ, Daniele Maia. *Fortaleza em tempo de carnaval: blocos, maracatus e a política dos editais*. 2013. 245f. – Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- CRUZ, Danielle Maia; RODRIGUES, Léa Carvalho. *Tempo de Carnaval: políticas culturais e formulações identitárias em Fortaleza*. Proa: Revista de Antropologia e Arte, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2010. Disponível em: (<http://twixar.me/2VWm>), data de acesso 24 de agosto de 2020.
- CRUZ, Danielle Maia; RODRIGUES, Lea Carvalho. *Festas, brincantes e poder público: os blocos de pré-Carnaval e a política de editais em Fortaleza*. Revista Antropológicas, Recife, v. 26, 2015, p. 45-74. Disponível em: (<http://twixar.me/rJhm>), data de acesso: 12 de setembro de 2020.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correa. *Maritimidade dos trópicos: por uma geografia do litoral*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 22-42.
- DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011, p. 1-33.
- DIÁRIO DO NORDESTE. *Fortaleza celebra o orgulho LGBTQI+ na XX Parada pela Diversidade Sexual do Ceará neste domingo*. Diário do Nordeste. Disponível em: (<http://twixar.me/hKMT>), Ddata de acesso: 30 de março de 2020.
- DUARTE, Romeu. *Design, Cidades e Patrimônio*. In: Universidade Aberta do Ceará. *Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020. Cap. 2, 31p.
- FARIA, Willis de. *A invenção da praia no Brasil e seus vestuários*. De olho na ilha, 2017. Disponível em: (<http://twixar.me/Z7Wm>), data de acesso: 21 de agosto de 2020.
- FARIAS, Airton de. *História do Ceará*. 7 ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015, p. 49-79.
- FORTALEZA EM FOTOS. *A construção do Porto do Mucuripe*. Disponível em: (<http://twixar.me/PJhm>), data de acesso: 12 de setembro de 2020.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Global Editora: Rio de Janeiro, 2013, p. 109-127.
- GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Dragão do mar e a Fortaleza Pós-moderna*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 35-41.
- G1. *Carnaval em aterro tem show no aterro e festa em vários bairros*. G1. Disponível em: (<http://twixar.me/VVMT>), data de acesso: 12 de março de 2020.
- G1. *Confira imagens do réveillon no aterro da Praia de Iracema, em Fortaleza*. G1. Disponível em: (<http://twixar.me/SVMT>), data de acesso: 15 de março de 2020.
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. 2 ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979, p 27-35.

- GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Cidade, cultura e patrimônio em tempos de globalização: o caso do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza-CE*. In: HENRIQUES, Júlia Maria Pereira de Miranda; PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade; LAPLANTINE, François (orgs.). *Imaginários sociais em movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais*. Fortaleza: Edições UFC; Campinas, Brasil: Pontes Editores, 2006. p. 319-336.
- GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Espaço Público, requalificação urbana e consumo cultural: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno*. O Público e o Privado, Fortaleza. v. 09, 2020, p. 59-69. Disponível em: (<http://twixar.me/G7Wm>), data de acesso: de agosto de 2020.
- KIYOTANI, Ilana. *O conceito de paisagem no tempo*. Geosul, Florianópolis, v. 29, p. 27-42, out. 2014. Disponível em: (<http://twixar.me/cVWm>), data de acesso: 12 agosto de 2020.
- LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1978, p. 61-76.
- LEILA, Leila. *A origem da Praia de Iracema – de 1920 até os dias atuais*. Fortaleza Nobre, 2015. Disponível em: (<http://twixar.me/m7Wm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- LINS, Luiziane Oliveira; *Fortaleza bela: deslocando a política, a cultura e a economia do centro para a periferia*. In: POCHMANN, Marcio. *Desafios das cidades: desenvolvimento com participação e inclusão social*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. Cap. 3, p. 243-255.
- MARQUES, Edite Colares Oliveira. *O ensino de arte e a festa popular – festas de São João em Fortaleza e no Porto*. Revista Digital Art&. V. 1, 2014. Disponível em: (<http://twixar.me/kJhm>), data de acesso: 12 de setembro de 2020.
- MOURA-FÉ, Marcelo Martins de. *AS SERRAS ÚMIDAS NA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO CEARENSE*. Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), v. 20, p. 19-29, 20 jul. 2018. Disponível em: (<http://twixar.me/L7Wm>), data de acesso: 20 de agosto de 2020.
- MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. *A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza*. Tese (Doutorado em geografia) – Centro de Ciências - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 400. 2014. Disponível em: (<http://twixar.me/h7Wm>), data de acesso: 15 de agosto de 2020.
- NASCIMENTO, Carolina Maria do; CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Práticas formativas no Porto Iracema das Artes*. In: AMARAL, L.; ROCHA, C. *Patrimônios Possíveis: arte, rede e narrativas da memória em contexto iberoamericano*. Goiânia: Gráfica UFG, 2017. Disponível em: (<http://twixar.me/n7Wm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- NOBRE, Leila. *Ponte Metálica e Ponte dos Ingleses*. Fortaleza Nobre. 2009. Disponível em: (<http://twixar.me/bshM>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- NOBRE, Leila. *A origem da Praia de Iracema – De 1920 até os dias atuais*. Fortaleza Nobre. 2015. Disponível em: (<http://twixar.me/m7Wm>), data de acesso: 09/09/2020.
- NOBRE, Leila. *A expansão urbana de Fortaleza: O desinteresse da cidade pelo mar – Parte 2*. Fortaleza Nobre. 2019. Disponível em: (<http://twixar.me/NJhm>), data de acesso : 12 de setembro de 2020.
- NOGUEIRA, André Aguiar; NOGUEIRA, Antônio Gilberto. *Patrimônio cultural do litoral de Fortaleza: Os desafios da pesquisa histórica*. Tempos Históricos, Marechal Cândido Rondon, v. 20, 2016, p. 241-271. Disponível em: (<http://twixar.me/3yhm>), data de acesso: 09 de setembro de 2020.
- OLIVEIRA, João Maria de; ARAÚJO, Bruno César de; SILVA, Leandro Valério da. *Panorama da Economia Criativa do Brasil*. Ipea. Disponível em: (<http://twixar.me/2JQT>), data de acesso em: 27 de março de 2020.
- OPOVO. *Ceará da Cultura, bens tombados pelo Estado*. Anuário do Ceará 2018-2019. 2018. Disponível em: (<http://twixar.me/lshM>), data de acesso: 21 de março de 2020.
- PAULA, Davis Pereira. *Análise dos riscos de erosão costeira no litoral de Fortaleza em função da vulnerabilidade aos processos geogênicos e antropogênicos*. Tese de doutorado, Universidade do Algarve, Faculdade de ciências do mar, 2012. 335 p.

- PEREIRA, Alexandre Queiroz; DANTAS Eustógio Wanderley Correia; GOMES, Iara Rafaela. *Lazer na praia: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016, p. 9-12.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. *Fortaleza registra 100% de ocupação da rede hoteleira durante Carnaval*. Prefeitura de Fortaleza. 2020. Disponível em: <http://twixar.me/lsMT>. Data de acesso: 13 de março de 2020.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. *Pesquisa do Observatório do Turismo sobre o Réveillon 2020 revela impacto econômico acima do esperado*. Prefeitura de Fortaleza. 2020. Disponível em: (<http://twixar.me/kVMT>), data de acesso: 16 de março de 2020.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. *Prefeitura de Fortaleza realiza Réveillon 2020*. Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: (<http://twixar.me/lnMT>), data de acesso: 22 de março de 2020.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. *Registro da Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial de Fortaleza será votado nesta sexta-feira*. Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: (<http://twixar.me/cVMT>), data de acesso em: 28 de março de 2020
- PROPAGANDA DE REVISTA. *O Ceará tem disso sim. Você precisa sentir*. 2020. Disponível em: (<http://twixar.me/vshm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- REZENDE, Yara. *Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, p. 120-128, 2002. Disponível em: (<http://twixar.me/f7Wm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- SAUER, Carl Ortwin. *A morfologia da paisagem*. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 181-218.
- SERPA, Ângelo. *Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos*. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), São Paulo v. 17, p. 168-185, 2013. Disponível em: (<http://twixar.me/37Wm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- SMITH, Pedro Cardoso. *Fragmento cultural e urbanístico de uma estratégia econômica para Fortaleza: o Centro Dragão do Mar*. 2006. 241f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006. Disponível em: (<http://twixar.me/K7Wm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- SOARES, Thaise Gambarra. *A invenção da praia: a construção imagética e a transformação do território da praia de Tambaú, João Pessoa – PB*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade e Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 122. 2015. Disponível em: (<http://twixar.me/F7Wm>), data de acesso: 24 de agosto de 2020.
- SILVA, Marco Antonio Krichanã da. *Zoneamento sócio ambiental participativo do lugar denominado caça e pesca-Fortaleza/Ce, contribuição ao desenvolvimento sustentável da capital cearense*: Dissertação (mestrado) - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, p. 176. 2004. Disponível em: (<http://twixar.me/xJhm>) data de acesso: 12 de setembro de 2020
- SOUZA, Airton Felix Silva. *Medos no mar, medos do mar: as representações do sentimento de medo nos relatos de viagens pelo atlântico entre os séculos XVI e XVII*. *Revista Escrita da História*. v. 5, 2018. Disponível em: (<http://twixar.me/Kyhm>), data de acesso: 12 de setembro de 2020.
- TELES, Aires Gomes de Oliveira. *A cura pelo Sol nas tuberculoses cirúrgicas*. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Faculdade de Medicina – Universidade do Porto apresentada à Faculdade de Medicina do Porto. Porto, p. 147, 1919. Disponível em: (<http://twixar.me/LPhm>), data de acesso em: 15 de setembro de 2020.
- TRÉZ, João Gabriel. *Prefeitura anuncia mais de R\$ 56 milhões para a cultura em 2019*. O POVO. Disponível em: (<http://twixar.me/Rjqt>), data de acesso: 18 de março de 2020.